



RESENHA

13 *A construção de lugares no espaço social da cidade de Brasília e da Região Metropolitana do Distrito Federal* *(The construction of places in the social space of the city of Brasília and the Metropolitan Region of the Federal District)*

Júlio César Valente Ferreira¹

1. Professor do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT/UFF) e do Bacharelado em Engenharia Mecânica do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO). Líder do Núcleo de Estudos Culturais Orientais (NECO) e do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão (GPPEC). Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento (3E/UNIRIO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3396805392800659> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9732-7939>



O livro “Memórias e identidades da metrópole: cartografando espaços de significações no Distrito Federal”, organizado por Edson Silva de Farias e Bruno Gontyjo do Couto é a última publicação (até o momento, claro) do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento. Neste volume, dedicado aos 20 anos de existência do Grupo (algo digno de aplausos diante dos óbices cada vez mais desafiadores à produção científica no Brasil), esta resenha é mais uma contribuição nesta celebração.

Logo na introdução da obra, o questionamento sobre sua justificativa se apresenta contundente e a resposta já indica que, de fato, a contribuição da obra se edifica ao tratar deste espaço social a partir de uma outra perspectiva, daquela que enxerga pelas frestas da paisagem árida as possibilidades da construção de lugares.

Segundo seus organizadores:

o livro se propõe a pensar a cidade antes de tudo na sua condição de espaço percebido e sentido, experienciado por seus habitantes através de sensações, afetos, imagens e memórias que eles portam em si e que muitas vezes compartilham uns com os outros, conformando uma verdadeira metrópole imaginada/imaginária (...) O livro parte da premissa de que é possível apreender

e analisar as diversas experiências que constituem uma dada configuração sócioespacial como “pontos de interpenetração” entre espaço, memória e identidade (Farias e Couto, 2019, p. 3).

Então, o lugar é um espaço percebido e vivido. Nesta perspectiva, questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas emergem por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado, marcadas por aquilo que Tuan (1980) chamou de “topofilia” (e, por que não o exercício contrário da “topofobia”?). Mas, importante ressaltar que o lugar só existe enquanto durarem as relações sociais das quais são projeções especializadas. Para Massey (2002), um sentido de lugar somente se justifica quando a identidade é operada em sua fluidez e mutabilidade, entre a posição acrítica do lugar como algo fixado e a desconfiança com relação aos lugares na esteira de um medo de que se prestem a um papel conservador de legitimação de discursos ideológicos nostálgicos e reacionários.

O livro se estrutura em duas partes e um epílogo: (i) Espaço e memória na metrópole brasiliense; (ii) Espaço, práticas culturais e lazer no Distrito Federal e (iii) A cidade é uma só?



A primeira parte se dedica a pesquisas devotadas para etnografias históricas e cartografias de memórias, aliando trajetórias a memórias de agentes das mais variadas dimensões na ocupação e da transformação de espaços sociais. Ao todo, quatro capítulos compõem esta primeira parte da obra.

O primeiro capítulo “A sociologia de um complexo cultural urbano: memórias e conflitos na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes”, de Artur André Lins, toma como objeto de estudo a atuação do chamado Movimento Dulcina Vive! A estratégia da pesquisa foi a conjugação de um levantamento e análises de fontes de perspectiva sócio-histórico com entrevistas individuais, tendo como mote o processo de requalificação da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, localizada no Setor de Diversões Sul – Conic. No texto, os conflitos são manejados analiticamente pelo autor que destacou a esperança de que seu empreendimento possa ser reconhecido como um registro portador de alguma formalidade para ser considerado um registro de uma memória. Considero que o autor foi muito tímido ou modesto na finalização de seu texto, pois o mesmo se encontra baseado nas operações de memória coletiva e memória histórica (Halbwachs, 1990), pois se ateve a uma memória que não revive o passado, mas a reconstrói analiticamente no presen-

te, suportada pelos substratos espaciais e temporais, compostos por uma diversidade de documentos recolhidos ou produzidos.

O segundo capítulo “Lutas, memórias e vitórias: tramas contemporâneas dos mercados rap na metrópole candanga”, de Saulo Nepomuceno Furtado de Araújo, analisa cartograficamente a produção de décadas do rap no Distrito Federal, revelando sua indelével perspectiva classista e étnico-racial, mas sem deixar de conectar com processos de hibridação diacrônicos (Canclini, 2003) com o panorama do rap a partir de dimensões territoriais de maior amplitude.

No terceiro capítulo “Por baixo do Plano: o que as passagens sob o Eixão andam dizendo”, Fernando Franciosi situa sua pesquisa em espaços sociais não tidos como os mais apropriados para o estabelecimento de lugares. O substrato espacial material demarcado é aquele apreendido nas passagens subterrâneas ao longo do eixo rodoviário de Brasília. Fugindo de abordagens mais assentadas academicamente ao trabalharem com estes espaços sociais a partir das lentes patrimonial e do planejamento urbano, o autor se volta para as práticas artísticas ali empreendidas. Cabe destacar que o autor não estabelece uma conversão espacial de um não-lugar (Augé, 1994) para um lugar. Ao partir para seu es-



quadrinhamento paisagístico, o repertório teórico da antropologia do espaço (Silvano, 2017) é acionado para uma etnografia nestes espaços, pois não se trata somente de um método (Peirano, 2014). Ainda que o autor não pretendeu discutir quem seriam estes agentes, o próprio admite sua agência na pesquisa de campo e de como ela determinou a pesquisa da produção artística em si.

Encerrando a primeira parte, em “Os cinemas de rua do Distrito Federal: vestígios do projeto de modernização do nacional e possibilidades de permanência”, Flávia da Costa Ferreira Mendonça cartografa estes espaços que ainda existem e resistem, estabelecendo um paralelo com o conceito de lugar de memória (Nora, 1991). No entanto, a autora não cai na tentação de retratar o panorama dos cinemas de rua com certa melancolia cultural, imbuído do senso de que algo essencial foi perdido (Whitehed, 2009). Pelo contrário, a autora constata que há uma disputa para com a permanência destes lugares na cidade, configurando em lugares altamente concentrados em sua potência simbólica e de mobilização de um grupo social, constituindo em “pedaços” (Magnani, 2000) enclacados no espaço social da cidade, seja na frente de lutas em relação aos cinemas em territórios como multisserviços ou em locais

que se tornaram arenas de disputas de capitais para a consecução do destino planejado por cada um dos agentes deste campo.

A segunda parte do livro se dedica a estudos que tem em comum os usos sociais dos espaços. Essas pesquisas tiveram como foco os usos sociais do espaço praticados por diferentes indivíduos e grupos. Estes espaços acabam por fornecer o substrato espacial material utilizados na construção de mediações históricas e sociais, onde teias de significado são urdidas por vínculos internos e também a partir das alteridades refletidas nos encontros com a experiência social metropolitana.

Esta segunda parte inicia-se com o quinto capítulo do livro, intitulado “Do trabalho para o samba”: a resistência tática meio a requalificação estratégica do Setor Comercial Sul. O trabalho escrito por Tainara Candida Lopes Cançado situa-se especialmente na Quadra 05 do Setor Comercial Sul (SCS), onde ocorre o evento “Do trabalho para o samba”, roda de samba e chorinho promovida semanalmente na Praça dos Artistas. Frente a um projeto de “qualificação” empreendido pelo poder público, a roda de samba opera nos eixos da luta e da conciliação. O produto destes vetores é a mediação, pois a cultura é operada no campo da disputa (Martín- Barbero, 2015). A au-



tora é muito feliz na apresentação e análise de seus dados empíricos, pois permite verificar como essa operação é de fato uma multiplicação (um produto) e não uma soma ou subtração. A mediação sempre existirá. Somar e subtrair vetores não permitem a gestação de um terceiro eixo em uma direção que guarde simetria espacial com as demais, permitindo projeções em graus proporcionais. E, na contenda em questão, “Do trabalho para o samba” é lido a partir daquilo que Sanchez (2010) entende dos projetos de “requalificação” urbana como a “emergência da cidade-marca”. De forma muito pertinente, a autora não recai em essencialismos e chama a atenção sobre como o evento opera internamente e é manejado externamente na percepção da ressignificação do espaço, o que possibilita um grau de plasticidade, de deformabilidade dos pilares sociais, políticos, econômicas e simbólicos que o configuram e que poderiam ser entendidos e/ou enunciados como imanentes.

O sexto capítulo aponta para um espaço social quase que diametralmente oposto àquele tratado anteriormente. Saindo do espaço “mundano” e “profano” da roda de samba e deslocando-se para o lugar do sagrado (dicotomia sempre muito bem operada nos espaços sociais tipificados como “neopentecostais”, independentemente de qualquer tipo de ins-

titucionalização religiosa) (Oliveira e Netto, 2017), encontramos o texto de Frederico Vianna Torres Diniz intitulado “Práticas de lazer e diversão de jovens no contexto de igrejas pentecostais em Itapoã”. A escolha em questão também se particulariza em relação aos demais artigos anteriores, pois centra seu olhar para uma cidade periférica de Brasília, a qual se configura com elementos (imanentes?) das periferias brasileiras: alta concentração de jovens, presença marcante das igrejas (principalmente, as tipologicamente reconhecidas como neopentecostais) e rarefeita existência de equipamentos de lazer. O autor mostra como lugares de cultos religiosos já estabelecidos neste tecido urbano acabam por estabelecer novas percepções e vivências, gestando comunidades de sentimento (Appadurai, 1996) que são suportadas por outros elementos para além daqueles que se alicerçam no sagrado e suas formas de emanação. Esta percepção é fundamental para seu trabalho, pois ultrapassa o discurso raso do proselitismo religioso imbuído nestas ações promovidas no interior de espaços de culto religioso. Por outro lado, as evidências empíricas levam o autor a propor um mecanismo de urdimento (relativizando-o para não entrar na seara da subordinação) entre as aulas de judô e outras atividades lúdicas com o propósito



estrutural e estruturante de “salvar almas”. Estas atividades reforçam o lugar do culto no tecido urbano em questão ao reforçar seu caráter de oposição e de flexibilização em relação ao espaço social “da rua”, incrementando um regime dualista de cosmovisão. Afinal, o local de culto vai para além das atividades religiosas, acolhendo e conectando seus atores por várias redes justapostas. No desfecho deste capítulo, o autor dedica-se à crítica conceitual ao que se entende por “periferia urbana”, a partir do seu arcabouço teórico e etnográfico da metrópole brasileira.

Finalizando a segunda parte do livro, temos o sétimo capítulo, intitulado “Brasília e os usos dos espaços públicos para cultura, consumo e lazer”, de autoria de Débora Borges de Macedo, a qual buscou compreender a diversidade das práticas de lazer, consumo e cultura nos espaços públicos de Brasília. A proposta ampliou a escala de observação e, consequentemente, demandou de forma incisiva o uso combinado de técnicas qualitativas e quantitativas para abarcar a paisagem que se apresentava, sendo então possível um exercício intelectual de lugarificação de tal espaço social amplo. No intuito de, minimamente, estabelecer balizas para seu empreendimento intelectual, a autora delimitou como condições de contorno a de compreender a diversidade

de manifestações culturais organizadas e praticadas por jovens em ambientes públicos do Plano Piloto. O que torna este trabalho singular dentre aqueles apresentados anteriormente é a perspectiva dos indicadores sociais, os quais foram produzidos ou coletados e postos em diálogo com os dados obtidos pela observação participante e por entrevistas semiestruturadas. A partir das condições de contorno delineadas para a pesquisa, a autora aplicou um questionário para a produção de indicadores sociais relativos àqueles eventos. No entanto, em uma postura perspicaz, a autora colocou os indicadores sociais engendrados em diálogo com aqueles produzidos pelo Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) no intuito de reforçar a especificidade de seu trabalho, sem abrir mão da coerência epistêmica deste campo de conhecimento, o qual tem no Brasil uma significativa robustez oriunda de uma série de instituições devotadas a compor tal quadro quantitativo mensurativo (Jannuzzi, 2017).

Diante deste complexo quadro apresentado nos capítulos, a pergunta que intitula o epílogo não poderia ser outra: “A cidade é uma só?”. Segundo os autores, é “(...) uma reflexão sobre a relação entre unidade e diferença, homogeneidade e heterogeneidade na metrópole brasileira. A pergunta aponta para a



necessidade de se considerar as inúmeras cidades existentes dentro de um mesmo contexto sociourbano.” (Farias e Couto, 2019, p. 16). Diante de tal desafio, a opção dos organizadores da obra foi incluir dois capítulos que fornecessem um arcabouço de maior alcance sobre a cidade de Brasília e a Região Metropolitana do Distrito Federal no que tange aos processos de configuração sociourbana a partir de dois grandes eixos: “sistemas de práticas” e “regimes de usos” do espaço por diferentes agentes e grupos sociais inscritos na trama metropolitana do Distrito Federal e Entorno.

O oitavo capítulo é escrito por Yacine Guellati, intitulado “Pensando o “Entorno” do Distrito Federal, e em um aspecto amplo buscou demonstrar de forma enfática como realidades praticamente diametralmente opostas amalgama-se para configurar uma estrutura que possibilite ler este sistema urbano. Ancorada em um estudo de base histórica e suportada por uma série de indicadores sociais para reportar à questão de base a qual serve de anteparo conceitual para uma leitura não enviesada dos capítulos das duas partes constituintes do livro: o que é o entorno do Distrito Federal e a situação do Distrito Federal em uma perspectiva comparativa com a Área Metropolitana de Brasília? A resposta é um processo

de produção do espaço urbano semelhante ao repertório teórico delineado em eixos básicos para o contexto brasileiro por Carlos, Souza e Espósito (2012) em que pese as peculiaridades desta relação a outras regiões metropolitanas brasileiras.

Finalizando o livro, o segundo texto do epílogo e nono capítulo da obra, intitulado “Histórico de ocupações no Distrito Federal: os primeiros anos do Itapoã”, escrito por André Sette Rossi, reforça o caráter pulverizado da construção do espaço urbano, mais especificamente das habitações dos próprios moradores, tendo como estudo de caso o Itapoã (mesmo território tratado no sexto capítulo da obra). Cotejando com aspectos os quais podem ser encontrados em outros trabalhos, como o de Giglia (2012) como a relação entre tipos de moradia e ordem cultural (urbana como símbolo de uma bricolagem de vários urbanos), a vida coletiva como laboratório de cultura urbana e o pertencer e deslocamentos encaminhados pela lógica mercantil habitacional

Por fim, cabe destacar que a obra foi urdida com a montagem de uma série de vídeos de curta duração, os quais, segundo os organizadores, reunidos foram em uma playlist de média metragem (disponíveis em formato de playlist no canal do Youtube do Grupo de Pesquisa CMD: <https://www.youtube.com/@grupo->



depesquisacmd7905). O conjunto de vídeos (ou sua visualização como um tudo) não se traduz como uma introdução ou uma conclusão do livro. Ler, ver, ler, ver, ver, ler, ler, ver, indo e vindo, sem um roteiro programado, açoda o urdimento entre texto, imagem e som, gestando uma completude do substrato espacial material necessário a se mobilizar para a leitura e análise da construção dos lugares no espaço social em questão.

A publicação de “Memórias e identidades da metrópole: cartografando espaços de significações no Distrito Federal” mostra que, se o “concreto já rachou” (lembrando a música da banda brasileira Plebe Rude), é a partir das frestas geradas na degradação do próprio conceito inicial da cidade e da arquitetura moderna representativa da “capital da esperança” que as dinâmicas sociais e espaciais urdem-se com a produção da cidade pelos próprios habitantes, em diferentes escalas espaciais e financeiras, e produzem lugares guiados por processos de significação.



Referências

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: cultural dimensions of globalization.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 9^a ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. (1992).

BANDEIRA, Olívia; NETTO, Michel. As racionalidades do mercado religioso: considerações sobre produção e consumo da música gospel. **Revista de Ciências Sociais**, v. 48, n. 1, p. 269-302, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2012.

FARIAS, Edson Silva de; COUTO, Bruno Gontyjo do (Orgs.). **Memórias e identidades da metrópole: cartografando espaços de significações no Distrito Federal.** Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: comunicação, cultura e hegemonia.** 4^a ed. São Paulo: Edusp, 2003. (1989).

GIGLIA, Angela. **El habitar y la cultura: perspectivas teóricas y de investigación.** Barcelona: Anthropos Editorial; México: División de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990 (1950).



JANNUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações**. 4^a ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017 (2001).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7^a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. (1987).

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papiurus, 2000. p. 176-185.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993 (1984).

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

SANCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado global**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SILVANO, Filomena. **Antropologia do espaço**. Lisboa: Documenta, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Algés: Difel, 1980. (1974).

WHITEHEAD, Anne. **Memory**. London: Routledge, 2009.

